

## É possível fugir do modelo convencional da enunciação da violência?

Nos veículos de comunicação, em geral, o boletim de ocorrência policial substitui as falas das pessoas que estão vivenciando as situações de violência. Esse modo de fazer é tão recorrente, a ponto de ser tomado como um padrão que não permite desvios. A própria cogitação a propósito de outras maneiras de se reportar soa como um exercício inválido. Afinal de contas, o tempo é curto para a construção das notícias, “tem que fechar o jornal!”. Quando se chega à delegacia, as informações já são suficientes para o preenchimento da matéria jornalística.

Será mesmo que aquele conjunto de informações são as mais legítimas? Será que os dados colhidos numa delegacia, cuja finalidade é específica para efeito daquela instituição, podem ser suficientes para a finalidade jornalística?

Refletir sobre essas questões, de modo abstrato pode ser interpretado como uma operação fútil. Tudo leva a crer que esse é um terreno improdutivo. Assim, nada melhor que um exemplo concreto para se vislumbrar a possibilidade de uma enunciação mais humanizada da violência.

O jornal *A Tarde* de 2 de julho de 2001, na página de *polícia* traz uma notícia, intitulada “Adolescente fuzilado na presença do pai” que é um exemplo de que é possível imprimir uma outra abordagem no trato dos episódios de violência.

Em vez da fala dos representantes da polícia, como fontes principais, são reportadas as falas dos pais, dos vizinhos, gerando um efeito que evita a simplificação do acontecimento. São

explorados elementos capazes de evidenciar a complexidade de um drama. É a mãe que narra: “ele sempre foi o mais danado dos quatro (dois casais), não queria nada com os estudos e logo cedo passou a se juntar com marginais do bairro”. São os vizinhos que “chamavam Papito para conversar”. É a mãe que desabafa: “começaram a matá-lo lá no campo de bola, e vieram executá-lo dentro do quarto de nossa casa”.

O jornal registra, inclusive, o pedido da mãe de Papito para não ser fotografada e revela a impotência dos familiares diante da situação, o que pode ser evidenciado no apelo do menino ao pai: “meu pai, pelo amor de Deus, não deixe ele me matar”, mas o autor do crime não foi sensível à interferência que o pai fez em nome do filho e até o ameaçou de morte.

Um outro elemento que é interessante na matéria, diz respeito ao fato de que ali está indicado que as mesmas pessoas que sofrem com aquela morte, dão indícios de que aquele fim era previsto. Isto, no entanto, não elimina a dimensão da dor e da perda sofrida pela família, ou seja, o texto jornalístico incorpora uma complexidade que é própria da situação, não naturalizando ou espetacularizando a violência.

É possível cogitar, a partir desse exemplo, um redimensionamento das fontes institucionais. Não se trata de excluí-las, mas de atribuir às mesmas um discurso derivado do seu papel, afinal, a fonte, por mais poder que reúna, não pode ser confundida com o fato.